

# Prefácio

Nos últimos três anos, passei muitas horas estudando o controverso tema do populismo em minha tese de doutorado na Universidade Aristóteles de Tessalônica (Grécia). A ascensão do populismo de esquerda ao poder na Grécia foi minha oportunidade para comparar o discurso do Syriza com a experiência populista de governo do kirchnerismo na Argentina. Então, quando Jeremiah Morelock e Felipe Ziotti Narita me convidaram para escrever o prefácio para este pequeno livro sobre *o problema do populismo*, fiquei honrado e agradecido por ter a oportunidade de apresentar algumas das minhas ideias e debatê-las a partir da abordagem deles. Uma das principais razões por trás da minha decisão final de aceitar o convite consiste no fato de este pequeno livro revelar as características principais e a natureza do *populismo autoritário*, que é, sobretudo, expressa por meio do *discurso* de partidos radicais de direita e de líderes pelo mundo. Além disso, é notável que os autores mantenham uma perspectiva distanciada para a análise do fenômeno populista, deixando espaço para o desenvolvimento de uma mobilização populista progressista.

É fato conhecido que vivemos em uma época de crises em diversos níveis, contando com uma variedade de populismos. A erupção da crise econômica, a falta de confiança nas instituições liberais e na tecnocracia, o fracasso do projeto neoliberal e o crescimento das migrações e das ondas de refugiados deram voz para que partidos *anti-establishment* emergissem, de maneira dinâmica, por meio de fortes discursos populistas. A crise promoveu e disseminou correntes populistas e *anti-establishment*, transformando-se

na cena principal da performance populista.<sup>1</sup> Como argumenta Laclau, “a emergência do populismo é historicamente ligada a uma crise do discurso ideológico dominante que, por sua vez, é parte de uma crise social mais geral”.<sup>2</sup>

Por um lado, assistimos à ascensão do populismo de esquerda. Na Grécia, o Syriza conseguiu chegar ao poder, criando um governo populista estável com o partido radical ANEL. Na Espanha, o Podemos emergiu como um dos protagonistas da cena política em pouco tempo, enquanto Jean-Luc Mélenchon, na França, ficou na terceira posição nas últimas eleições presidenciais; no Reino Unido, o líder do Partido Trabalhista é o populista Jeremy Corbyn; nos Estados Unidos, Bernie Sanders ganhou enorme apoio popular nas eleições para indicação do Partido Democrata (2016) com uma plataforma populista progressista; no México, Andrés Manuel López Obrador, um populista de esquerda, ganhou as eleições de 2018. Sem dúvida, devo destacar os líderes de esquerda na América Latina que chegaram ao poder no começo dos anos 2000 (especialmente em função do fracasso das políticas neoliberais dos anos 1990) e formaram uma significativa hegemonia populista inclusionária, como Hugo Chávez, Evo Morales e os Kirchner. Por outro lado, há partidos radicais e de extrema-direita que expressam discursos xenófobos, nacionalistas e populistas, concentrando boa parte da classe popular a seu lado. Na França, Marine Le Pen chegou na segunda posição nas eleições presidenciais de 2017; na Itália, a direita populista tornou-se um dos campos políticos mais importantes; na Hungria, Viktor Orbán construiu uma hegemonia populista autoritária; no

---

1. Moffitt, Benjamin. *The global rise of populism: performance, political style, and representation*. Stanford: Stanford University Press, 2016.

2. Laclau, Ernesto. *Politics and ideology in Marxist theory*. Londres: NBL, 1977, p. 175.

Reino Unido, a plataforma nacionalista do Brexit venceu um referendo crucial. Não devo me esquecer de mencionar que o povo nos Estados Unidos e no Brasil elegeu, respectivamente, Trump e Bolsonaro como presidentes.

Morelock e Narita conseguem explicar *o que é o populismo* por meio de perspectivas teóricas de pesquisadores muito conhecidos. Na minha opinião, a teoria de Ernesto Laclau sobre o populismo parece muito útil para examinar esse importante fenômeno, já que oferece sofisticação teórica sem sucumbir ao idealismo, podendo ser aplicada em muitos casos diferentes.<sup>3</sup> Laclau afirma que “o populismo começa no momento em que elementos populares e democráticos são apresentados como opções antagônicas contra a ideologia do bloco dominante”.<sup>4</sup> Na mesma lógica, o centro de pesquisa grego Populismus estabelece dois critérios mínimos para um discurso populista:

(1) referências realçadas a ‘o povo’ (ou significantes equivalentes, como ‘os desfavorecidos’) e a ‘vontade popular’ e a necessidade de sua representação verdadeira, (2) uma percepção antagônica do terreno sócio-político como uma esfera dividida entre ‘o povo’/os desfavorecidos e ‘as elites’/o *establishment*.<sup>5</sup>

Teorias que utilizam adjetivos em sua etimologia, tais como *puro* e *corrupto*, não podem ser aplicadas no exame de

---

3. Stavrakakis, Yannis. Antinomies of formalism: Laclau’s theory of populism and the lessons from religious populism in Greece. *Journal of Political Ideologies*, v. 9, n. 3, p. 253-267, 2004.

4. Laclau, op. cit., p. 173.

5. Conferência Internacional *Populismus*: Populist Discourse and Democracy/Background Paper, Universidade Aristóteles de Tessalonica, Grécia, 26-28 jun. 2015. Disponível em: <<http://bit.ly/2CXMXZz>>. Acesso em: 31 jan. 2019.

todas as articulações populistas. Como destaca Ostiguy, a noção de pureza pode funcionar bem nos populismos europeus, mas não consegue ser mobilizada adequadamente para outras regiões. Nos países latino-americanos, o povo não é considerado *puro* (venezuelanos são zambos, mulatos, mestiços, etc.), ao passo que a plebe consiste em ladrões mesquinhos. Além disso, o caráter corrupto das elites nem sempre é um problema, contanto que o presidente *faça o que deve ser feito*.<sup>6</sup>

Os autores corretamente definem *populismo autoritário* como os espaços onde populismo e autoritarismo se encontram. Como resultado, o populismo não é sempre autoritário e não é tomado por uma natureza interna não democrática. Autoritarismo e populismo podem coexistir em numerosos casos, mas esses termos não caminham necessariamente *pari passu*. Com mais frequência, líderes de esquerda respeitam procedimentos democráticos e a vontade popular, buscando a democratização dos sistemas políticos pós-democráticos. Além disso, a orientação democrática de muitos populismos de esquerda pode também ser vista por meio de diferentes articulações do povo. Especificamente, o povo para a esquerda não é considerado como homogêneo, tampouco unificado, mas como uma força heterogênea que articula diferentes demandas socio-políticas sob as bandeiras de um movimento, apresentando um caráter inclusivo (por populismo inclusivo e excludente, indico o trabalho de Mudde e Kaltwasser).<sup>7</sup> A rejeição da homogeneização do povo evidencia que o

---

6. Ostiguy, Pierre. Populism: a socio-cultural approach. In: Kaltwasser, Cristobal Rovira; Taggart, Paul; Espejo, Paulina Ochoa; Ostiguy, Pierre (eds.). *The Oxford handbook of populism*. Oxford: Oxford University Press, 2017, p. 91.

7. Mudde, Cas; Kaltwasser, Cristobal Rovira. Exclusionary vs. inclusionary populism: comparing contemporary Europe and Latin America. *Government and Opposition*, v. 48, n. 2, p. 147-174, 2013.

populismo de esquerda não coaduna (sempre) com caminhos autoritários. No entanto, a questão da homogeneização pode ser diferente na retórica xenófoba de partidos nos quais o povo tem formas concretas com características étnico-raciais.<sup>8</sup> Então, o populismo de esquerda contemporâneo não necessariamente encarna princípios anti-democráticos ou nacionalistas, mas constitui uma reação popular e igualitarista contra o *establishment* corrupto e a ascensão do nacionalismo xenófobo.

Creio que o populismo autoritário discutido neste livro não faz referência às manifestações populistas de esquerda, mas aos populismos da direita nacionalista e xenófoba. É verdade que a escalada dos líderes e dos partidos da direita radical e da extrema-direita lembra a ascensão do fascismo na Europa de meados do século XX. Não é ilógica a conexão entre *fascismo* e *populismo*. Segundo Laclau,

o fascismo [...] foi [...] uma das maneiras possíveis de articulação das interpelações democráticas populares em discursos políticos [...] Então, vemos por que é possível chamar Hitler, Mao e Peron simultaneamente de populistas.<sup>9</sup>

Hoje, o populismo autoritário diz respeito, sobretudo, aos partidos da direita *radical*, que partilham características autoritárias, nacionalistas e populistas. Contudo, há alguns partidos da *extrema-direita* (por exemplo, o grego Aurora Dourada) que utilizam um discurso étnico-

---

8. Katsambekis, Giorgos. The place of the people in post-democracy: researching antipopulism and post-democracy in crisis-ridden Greece. *Post-data*, v. 19, n. 2, p. 555-582, 2014.

9. Laclau, op. cit., p. 111 e 174.

-nacionalista com marcas populistas. Como resultado, as fronteiras entre os partidos da direita radical e da extrema-direita têm se tornado cada vez mais esfumadas ao longo dos anos. Não há uma grande distância entre o discurso nacionalista-xenófobo e uma razão étnico-racista, especialmente quando ambos promovem soluções extremas e violentas e discutem independência nacional e soberania popular. Além disso, todos os casos acima baseiam seus discursos, sobretudo, no nacionalismo xenófobo. E se redefiníssemos o conceito de *partidos populistas radicais*? E se categorizássemos aqueles partidos primeiramente como nacionalistas e, depois, como populistas?<sup>10</sup> Precisamos pensar nessas questões.

Se olharmos para o espaço político de direita na Grécia, não conseguimos traçar diferenças significativas entre os partidos de extrema-direita e a direita radical. Esses partidos pretendem implementar soluções nacionalistas extremas e tentam criar dicotomias na sociedade entre o povo (como uma *nação*) e as elites/*o establishment*. O nacionalismo tóxico que emana disso (por exemplo, do Concentração Popular Ortodoxa, da Nova Direita, do Solução Grega, da Aurora Dourada, etc.) se desdobra em um etnocentrismo particular, rebaixando culturas e ideias do “outro” e atacando (1) minorias (refugiados, imigrantes e LGBTQ) e (2) esquerdistas que “traem” o país (por exemplo, no caso “macedônio”). Eles se apresentam como a resistência autêntica contra a “invasão ilegal” de culturas externas em uma época de propostas nacionalistas extremamente violentas. Isso pode ser perigoso não apenas para a democracia liberal, mas para o desenvolvimento de qualquer orientação democrática

---

10. Stavrakakis, Yannis et al. Extreme right-wing populism in Europe: revisiting a reified association. *Critical Discourse Studies*, v. 14, n. 4, p. 420-439, 2017.

alternativa. O único partido que mantém distância dessa retórica extrema é o ANEL, em função da participação no governo do Syriza. Então a mídia *mainstream*, oponente ferrenha do governo do Syriza, desempenha um papel central ao incitar o “pânico nacionalista” e o ódio junto ao povo grego, facilitando a expansão desse tipo de propaganda. O mesmo ocorre nas mídias sociais e com as *fake news*. Como Morelock e Narita sublinham no livro, “os meios de comunicação de massa facilitam a onipresença das mensagens de propaganda. [...] As estruturas de rede desempenham um papel central nesses cenários”.

É importante ressaltar também que o populismo autoritário não é o único problema da sociedade e da política contemporâneas. Não devemos subestimar, por exemplo, o *discurso antipopulista*. A estigmatização de o *povo* por antipopulistas degrada a soberania popular, ao passo que a ascensão da tecnocracia, como uma resposta às decisões “deseducadas” e “imaturas” das massas, destrói qualquer direção democrática que a política possa vir a assumir. E se esse tipo de antipopulismo ameaçar a democracia da mesma maneira que o populismo autoritário?<sup>11</sup>

Para concluir, gostaria de ressaltar que Morelock e Narita conseguem com sucesso destacar a natureza interna do *populismo autoritário* por meio da utilização de nomes importantes da teoria crítica (Habermas, Adorno, Horkheimer, etc.). Minha contribuição, aqui, consistiu em manifestar a importância da análise do discurso para o exame do populismo, além da diferença essencial entre os populismos de esquerda e direita – bem como as ameaças

---

11. Markou, Grigoris. Populism and anti-populism in the semi-periphery: lessons from Greece and Argentina, Draft Paper, PSA. In: ANNUAL INTERNATIONAL CONFERENCE, 68, 2018, Cardiff. *Annals*. Cardiff, 26-28 mar., 2018.

representadas pelo último. Creio que a combinação da *teoria crítica* com a *análise do discurso* pode ser útil para o entendimento da natureza dos populismos que emergem pelo mundo, bem como para oferecer soluções para uma sociedade melhor e mais democrática.

*Grigoris Markou*

Doutorando na Universidade Aristóteles de Tessalônica  
(Grécia)

Bolsista do Secretariado Geral de Pesquisa e Tecnologia e da Fundação Helênica de Pesquisa e Inovação  
(Código 391)

Organizador do Círculo de Estudos sobre Populismo  
Pesquisador associado do Observatório Populismus